ISSN: 2358-8829

AINDA HÁ O QUE PESQUISAR: O IMPACTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À UNIVERSIDADE PARA A TAXA DE PESQUISAS EM ASSÉDIO MORAL NAS UNIVERSIDADES

Maria Rita de C. G. Ribeiro [1]

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um achado dentro do processo de estado da arte para a pesquisa em análise do discurso na relação de assédio moral pedagógico de professores para com alunos na graduação. O estado da arte foi delimitado no últimos cinco anos e nele foi observado a informação de baixas pesquisas cientificas sobre o tema. Com isso movida por pura curiosidade, realizei uma busca historiográfica das taxas de pesquisa para o intervalo de 2000 a 2025 para a plataforma *Google Acadêmico.* A busca utilizou os principais descritores temáticos e algoritmos booleanos para desenvolver o parâmetro lógico dessa pesquisa: "assédio moral" AND "professores" AND "universitário" AND "alunos" NOT "escola", que identificou uma explosão de 650% no volume de trabalhos. Com esse dado, surge o interesse em saber o que levou essa mudança das taxas de pesquisas sobre o tema de assédio moral em universidades. Diminuindo os intervalos da busca, esse parâmetro lógico identificou que a virada ocorreu entre os anos de 2010 e 2012. Sabendo que os fatos de impacto nas universidade nesse período foram as implementações das políticas públicas de: Lei de cotas 12.711/2012; programa REUNI de 2007; SISU em 2010 e o Pnaes de 2010, e que essas políticas de acesso e democratização trouxeram, além de novos desafios a gestão universitária, a importância de acolher as demandas do novo público de estudantes. Foi a partir, principalmente do Pnaes, que o espaço de acolhimento e escuta aos estudantes foram abertos nas universidades. E é nesse momento que relatos de assédio moral são, agora, relatados em canais institucionais exclusivos para alunos, entregando ao tema visibilidade e interesse institucional e cientifico.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As fontes de pesquisa bibliográficas foram as principais plataformas de banco de dados e bibliotecas para trabalhos científicos utilizados nacionalmente que foram: o *Google Acadêmico*, que é uma plataforma de base de dados mundial e generalista onde estão a imensa maioria de trabalhos publicados em formatos de conclusão de cursos, dissertações, teses,

[1] Mestranda de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, maria.cgribeiro@ufpe.br

ISSN: 2358-8829

artigos, capítulos de livros, *hirpelinkada* com inúmeras revistas cientificas, repositórios universitários, páginas eletrônicas de divulgação cientificas, bibliotecas digitais. A segunda plataforma de banco de dados é da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) para publicação *stricto sensu.* Neste banco de dados é depositado todos os trabalhos de dissertações e teses tanto de ambientes acadêmicos públicos como privados, reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC). E uma última plataforma de pesquisa utilizada foi a *Scientific Eletronic Library* (SciElo) que uma biblioteca das principais revistas nacionais e internacionais para publicação de artigos.

Para um melhor aprimoramento e refinamento de dados as pesquisas realizadas dentro das plataformas utilizou uma sequência dos principais descritores da temática e os algoritmos lógicos linguísticos de booleanos “AND” e “NOT”. Partindo dos tipos de conteúdo disponibilizados pelas plataformas, e os principais descritores da temática, desenvolvi três sequenciadores lógicos de pesquisa. (1) “"assédio moral" AND "professores" AND "universitário" AND "alunos" NOT "escola", (2) "assédio moral" AND "professores" AND "ensino" AND "superior" NOT "trabalho" e (3) "assédio" AND "professores" AND "ensino" AND "superior". Esses sequenciadores lógicos não foram aplicados integralmente para todas plataformas devido a origem dos documentos depositados em cada banco de dados. O *Google Acadêmico* por ser mais abrangente foi possível utilizar os descritores “alunos” e “universitário”, e assim ter acesso a publicações mais diretivas. Para as plataformas CAPES e SciElo, que possui um banco de dados mais restritivo, os descritores “alunos” e “universitários” foram substituídos por “superior” e “ensino”. Para ambas sequencias era necessário a retirada dos termos “escola” e “trabalho” para uma melhoria na depuração das informações. Também da mesma forma, outros descritores que estão relacionados ao tema como “poder”, “violência”, “adoecimento”, “institucionalização” ficaram de fora do sequenciamento lógico.



Uma imagem que diz muito. E até mais. Treze resultado para a pesquisa “assédio moral pedagógico” na plataforma *Google Acadêmica*, que é a plataforma com um banco de dados cientifico mais abrangente. Ver-se que há, ainda, muito o que se debater. Dentre os descritores que compõem a pesquisa, “poder em sala de aula”, “docentes”, “professores”, “alunos”, “discentes”, “sala de aula”, “assédio moral”, o que melhor afunila para o objeto dessa pesquisa é o termo trabalhado por Acimarney Correia Silva Freitas, em seu artigo de 2023 publicado pela revista Educação, oriundo de sua tese de doutoramento em 2021. Com o título: “Assédio moral pedagógico como expressão do autoritarismo em sala de aula: percepções de

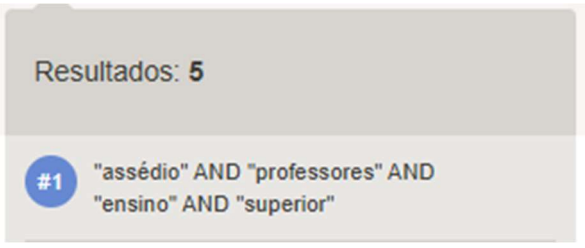
estudantes de engenharia", o autor estuda o comportamento autoritário de professores do ensino superior na área da engenharias. Os trabalhos selecionados pelo buscador estão em um intervalo de publicações que se estendem de 2020 a 2025.



Utilizando o seguinte sequenciamento lógico de descritores e booleanos na plataforma do *Google Acadêmico:* ""assédio moral" AND "professores" AND "universitário" AND "alunos" NOT "escola"" foram encontrado 547 trabalhos sobre a temática para o recorte temporal de 2020 a 2025. Para essa pesquisa de relevância numérica não houve qualquer depuração dos dados, para além da sequência lógica aplicada, para verificação da sua relevância com o objeto desta pesquisa.



Na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) no catalogo de teses e dissertações foi usado a seguinte composição lógica de descritores e booleanos: ""assédio moral" AND "professores" AND "ensino" AND "superior" NOT "trabalho"", para esta sequência lógica de busca foram encontrados 4 arquivos no intervalo de 2013 a 2023. Apenas a tese de Acimarney correspondia ao objeto desta pesquisa. Foi necessário ampliar o intervalo de pesquisa para que a sequência lógica pudesse encontrar algum trabalho que tivesse relação com a temática.



Para a base de dado da *Scientific Eletronic Library* (SciElo) foi utilizado a seguinte sequencia logica de descritores e booleano: "assédio" AND "professores" AND "ensino" AND "superior", estando a pesquisa na plataforma não delimitada em tempo, idioma ou periódico, foram encontrados 5 trabalhos referenciais e apenas um dialogando com o tema desta pesquisa, sendo ela para a prática especifica de assédio sexual. Todas as pesquisas foram realizadas no mês de julho de 2025.

Há uma certa gama de pesquisa sobre as relações de poder em sala de aula. Em sua imensa maioria voltadas para fatídico e infeliz fato da pressão e o adoecimento docente por meio da imposições institucionais, relações interpessoais horizontais com colegas, e verticais com superiores e até mesmo ascendentes, realizadas por alunos. Nos raros trabalhos que escapam a essa ordem, em que observam o comportamento docente o que se encontra nas

pesquisa está mais relacionados ao ensino secundarista. Mas as produções, direcionadas para os problemas de relação de alunos e professores de nível superior são escassos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Após a etapa de coleta bibliográfica para construção do estado do conhecimento foi percebido por mim como para os autores dos artigos selecionados e ausências de trabalhos científicos que estejam discutindo essa temática. Essa ausência de "curiosidade" cientifica para exploração desse campo, que se revela existente e atuante, no meio universitário. O que me levar a indagar, se para os últimos cinco anos a produção foi baixa, e antes desse recorte, como estava a produção cientifica para esse tema?

Uma pesquisa de curiosidade que realizei, apenas para plataforma *Google Acadêmico,* com o mesmo paramento lógico, com os mesmos descritores temáticos algoritmos booleanos - "assédio moral" AND "professores" AND "universitário" AND "alunos" NOT "escola"- alterando apenas o recorte temporal. A pesquisa identificou que para os intervalos temporais de 2000 a 2010, foram encontrados 56 trabalhos, não depurados; e entre 2010 e 2020 há um salto para 563 trabalhos, também não depurados Este fato revela que na última década houve um relevante crescimento de dados científicos sobre a temática da relação de poder entre professor e aluno. Partindo deste dado relevante fiz um quadro com delimitação de intervalos de cinco anos para os primeiros vinte anos de pesquisa desse século.

Quadro 1: Crescimento das pesquisas em dados

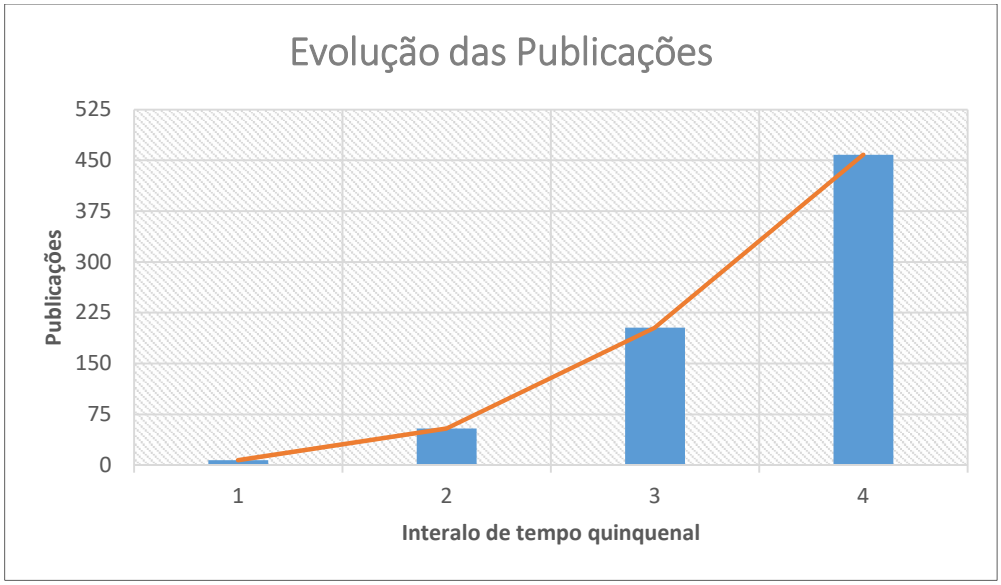
PERÍODO	SEQUENCIAMENTO LÓGICO
2000 – 2005	
2005 – 2010	
2010 – 2015	

2015 – 2020	

Fonte: a autora

A partir do quadro 1, sobre o crescimento do interesse acadêmico sobre a temática, é visto que no início deste século, em seus cinco primeiros anos, apenas 7 pesquisa foram encontrada pelo operador logico. Já para os cinco anos seguintes, o intervalo que vai de 2005 até 2010, houve um crescente de quase oito vezes mais para o volume de pesquisa. Os dados saltam de 7 para 54 produções cientificas. Já para o quinquênio seguinte, de 2010 a 2015, a tendência de evolução do volume de informação manteve e foram coletados 203 trabalhos. Um crescimento de quase três mais ao último intervalo de recorte temporal e, quase trinta vezes mais em relação ao primeiro recorte temporal. E por fim, o intervalo temporal para esse serie, entre os anos de 2015 a 2020, foram coletados 458 trabalhos científicos sobre os descritores de "assédio moral", "universidade", "professores" e "alunos".

Gráfico 1: Número de publicações em vinte anos



Fonte: a autora

O gráfico acima demonstra uma evolução exponencial relevante do interesse da comunidade cientifica sobre esses comportamento da comunidade acadêmica. O que mostra que no intervalo de vinte anos, para o recorte temporal dessa série histórica, houve uma explosão de mais de 650% de volume de trabalhos científicos publicados. Uma informação

ISSN: 2358-8829

relevante, que desperta o interesse em querer saber as razões que levaram ao aumento das pesquisas sobre a relação do professor com os alunos com práticas assediadoras. É importante lembrar que estes dados não estão filtrados para o temas desta pesquisas, por tanto, estres esses trabalhos estão temas como: “assédio sexual”, “assédio moral horizontal”, “assédio moral ascendente”, “violências físicas e psíquicas sofridas pelos professores”, “adoecimento docente em universidades”, “poder nas relações de trabalho na universidade”, “adoecimento da comunidade universitária”, entre tantos outros que possam estar sendo englobados nos temas usados como descritores da pesquisa.

Estas são informações estáticas, sem nenhum tratamento qualitativo para aproximação do objeto deste estudo, como simples ilustração do crescimento de interesse sobre o tema, que a sequência lógica conseguiu agrupar. Como foi vista, é notória a explosão dos dados a partir dos anos 2010, na qual houve um salto de mais 50% em volume de pesquisa entre o quinquênio de 2010 – 2015 para o intervalo seguinte de 2015 – 2020. Com essas informações uma pergunta, quase que por obrigatória surge, o que aconteceu depois de 2010?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns pontos que podem explicar o interesse cientifico, que apenas a partir dos anos 2010, buscaram analisar com acurácia esse comportamento errático do docente. O fato mais relevante no ambiente nacional foi a troca da filosofia-política na gestão governamental, com a chegada de um partido político com princípios progressistas, que o direcionamento para a gestão pública nas universidades sofreu uma grande alteração. Só a partir do interesse da gestão pública em amplificar o acesso de estudos universitários a classe trabalhadoras, culturalmente segregadas deste ambiente, é que a criação de leis e programas o cenário universitário modifica. Assim, surgem na segunda década deste século: a lei de cotas de 2012; o programa REUNI para expansão universitária, de 2007 e o modelo de acesso à universidade via Sistema de Seleção Unificada (SISU). Essas ações governamentais, de intuito da expansão e democratização do ensino público universitário, deram as universidades um novo público de alunos com necessidade diversas, que assim levaram as instituições de ensino superior (IFES) a implementarem centros de acolhimento estudantil, ação que foi fortalecida a partir do Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) de 2010. Só com a existência desses centro de acolhimento é que os alunos encontraram um espaço institucional para relatarem suas queixas da prática docente assediadora e, assim, a comunidade cientifica obterem dados concretos. (Dias e Toti, 2020). Com a intervenção de programas públicos de assistência, democratização, e expansão universitária entre os anos de 2007 e 2012 pode observar, a também, modificação

do interesse cientifico para informações que antes eram apenas “conversas de corredor”. Uma outra ilustração para o impacto dessas ações, para a geração dos dados, é a mesma pesquisa aplicada para apenas o intervalo de 2010 – 2012, período de implementação das ações do governo, e 2012 – 2015, período logo em seguida a sua implementação e inicio do intervalo quinquenal.

Quadro 2: Crescimento das pesquisas após ações governamentais

PERÍODO	SEQUENCIAMENTO LÓGICO
2010 – 2012	
2012 – 2015	

Fonte: a autora

Como visto no quadro 2, para o pequeno intervalo de dois anos, período de implementações das ações governamentais, houve apenas 58 resultados de pesquisa encontrados com os paramentos utilizados anteriormente; para o período trienal que segue logo após as implementação, houve uma quase triplicação de geração de dados científicos sobre o tema de “assédio moral”, “universidade”, “professores”, “alunos”. É clara a importância da participação de entes institucionais para a ação e investigação de problemas sociais, que neste caso, é um problema de “notório saber” da universidade, porém sem o devido registro e controle da informação. Não é que nunca houve, é que não era registrado. Não é porque não havia canais de denúncia é que não eram específicos para os alunos e sofriam a interferências coorporativas de classe.

Isso nos leva a questão, então anterior aos anos 2000, não houve pesquisas sobre o assédio moral entre professores e alunos? a resposta é não. Foi apenas um passado sem dados institucionais diretivos; sem interesse da comunidade cientifica; sem programas de assistência à saúde e permanência dos estudantes universitários; sem políticas de inclusão social. E, ainda assim, houve trabalhos contundentes e corajosos em suas pesquisas em discutir algo espinhoso e velado. Um passado em três tempos. Selecionou três trabalhos desenvolvidos em décadas diferentes, com perspectivas e metodologias diferentes,

ISSN: 2358-8829

Ainda no final da década de 80 a dissertação de mestrado de Lúcia Maria Teixeira Furlani, objetiva descrever os perfis de autoridade exercida pelo professor através do seu manejo do poder institucionalizado, e o quanto esse comportamento pode impactar no processo de aprendizado do aluno. Por essas pesquisa, a autora publica o livro "Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?" pela editora Cortez, no vigésimo oitavo volume da coleção "Polemicas do nosso tempo", 1º edição de 1988. Na pesquisa Lúcia Maria Furlani caracteriza três perfis, o mais problemática ela destaca como um professor, que no exercício do seu poder docente ele o constrói de forma antidemocrática, por uma estrutura hierárquica, onde se estabelecem regras e mecanismos de coerção, a autoridade é uma "reprodução" da estrutura de desigualdade da relação de poder (Furlani, 1997). O trabalho de Lúcia foca na hierarquização do ambiente educacional e como essa estrutura ambiental, na qual gera os sujeitos de mando e os sujeitos de subordinação a um determinado valor de poder, está na raiz de sustentação dos perfis de docentes avessos a um regimes mais igualitários e hegemônico de prática docente.

> "A natureza hierárquica, institucional, no entanto, não configura que a relação de autoridade se esgote nessa natureza. Empenhar-se em acreditar que recebemos o poder apenas de cima, além de ser um erro, em nosso entender é também uma licença para exercer formas de tirania ou de autoritarismo" (Furlani, 1997, p.33)

A autora conclui que este perfil de prática docente possui uma ausência do diálogo, do acordo, da partilha. O profissional é ciente de sua influência e usa-a para fins próprios da sua perpetuação como sobrevivência ao *locus* de poder, via instrumentos de intimidação, coerção, padronização, subjugo. Esta prática elimina qualquer possibilidade de questionamento, de conflito ao que é exercido em sala de aula.

Na metade dos anos 90, o então estudante de Doutorado da Universidade de São Paulo (USP), Julio Groppa Aquino pesquisa a relação docente com o seguinte título de tese: "Relação professor-aluno: uma leitura institucional". Em 1996, uma ano após a defesa da tese, ele publica o livro "Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno" pela editora Summus Editorial, no quadragésimo segundo volume da coleção "Novas buscas por educação".

O autor faz uma escrutinação na relação professor-aluno nos três níveis da formação educacional, primeiro grau, segundo grau e o terceiro grau, esse último sendo a graduação. As

ISSN: 2358-8829

informações coletadas do livro fará referência a esse último nível. No livro Julio Groppa traz uma escuta de ambos os lados da relação, o professor sobre o aluno, e o aluno sobre o professor com estes fazendo relatos, partindo de suas visões e expectativas, sobre os comportamentos e ações que esperam que sejam condizentes ao papel que o outro ocupa.

Assim, na análise dos discursos coletados, o autor demarca as visões dos personagens sobre as suas considerações do que sejam um "bom" ou "mau" professor ou aluno. Do muito coletado, descrito e analisado, foi por mim, possível inferir que há, nos discurso expostos, um princípio da teoria do espelho de Lacan, na qual espera-se, dentro de uma relação encontrar uma imagem espectral de si. "(...) imagem e semelhança" **(**Gênesis 1:26**)**. Que como visto no livro, para o aluno: "(...) o professor esperado é um semelhante" (p.92); e para o professor (...) o aluno em sala de aula não se aproxima daquele idealizado pelos docentes universitários" (p.86). E a não se deparar com o que se esperava cria-se a frustação. Essa relação estruturada por parâmetros institucionais gera conceitos pré-concebidos dos papeis, que são da instituição universitária, para suas ações, interligando-os por vias de demanda, necessidades e perspectivas. "(...) em nossa leitura institucional, a relação professor-aluno parece comportar um sentido quase bélico, isto é, um violento jogo de forças (ativas e reativas) com vistas à normatização da conduta alheia." (p.156). Ou seja, uma relação que se desgasta pela dinâmica de "cabo-de-força" que se impõe pelas expectativas institucionais.

Em 2006, no artigo 'Avaliação, cognição e poder", publicado na Revista Brasileira de Linguística Aplicada, as autoras Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva e Liliane Assis Sade, discutem a deturpação da ferramenta avaliativa, em forma de prova, como objeto de opressão e ameaça dos professores aos alunos. Motivada por perspectiva educacional, que ainda tem imensa dificuldade de se estabelecer no ambiente acadêmico, e que hoje ele é, ainda, uma ideia utópica, onde o "aluno [está] no eixo central da pedagogia", e as práticas avaliativas seriam, apenas, uma etapa de verificação de um processo de ensino-aprendizado. E não uma instrumento classificatória de aprovação ou reprovação. Assim, elas afirmam que a "a avaliação não esteve a serviço da aprendizagem, mas do exercício do poder." (Paiva e Sade, 2006) dentro do sistema educacional e para uma prática docente transigente e autoritária.

O artigo descore sua pesquisa sobre as memorias de alunos em épocas diferentes do século passado, subdividindo as memorias relatas por décadas entra os anos 50 e os anos 90 até o início deste século, anos 2000. E assim elas fazem um pequena historiografia das práticas de "assédio moral pedagógico" em épocas que tal práticas eram consideradas, não só normais ao ambiente, mas pedagógicas.

ISSN: 2358-8829

> "(...) educação é vista como exercício de poder, em que, tomando-se o conceito de Bourdieu (1977), o professor é o detentor do capital cultural e os alunos meros subordinados, submetidos às decisões e desejos dos docentes e da instituição escolar. Nesta perspectiva, a avaliação passa a ser usada como um instrumento para a punição ou para assegurar a manutenção do poder." (Paiva e Sade, 2006)

As conclusões do artigo levam a refletir que para o exercício do poder subjugador é necessário a geração do medo o sujeito subjugado através de um instrumento que possa lhe infligir dano, que para o ambiente acadêmico a "prova", que é um modelo de avaliação, torna-se a "arma" de ameaça do poder docente ao aluno. Como elas identificaram nos relatos de memorias coletados a "prova [é usada] como instrumento de vingança contra o comportamento dos alunos que o deixaram irritado."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa matriz obteve apenas oito trabalhos para comporem o estudo do conhecimento sobre a ação do poder docente na relação como os alunos, para o intervalo dos últimos cinco anos, indicando o entendimento da ligação entre "instituição" – "professor" – "poder" – "assédio" – "alunos" – "adoecimento", o que entrega um respaldo factual ao objeto dessa pesquisa e a necessidade da continuidade dela. Visto o número reduzido de trabalhos suscitou a curiosidade para elevar o a abrangência do intervalo temporal, para um compreensão desse desinteresse acadêmico. O que foi visto nessa busca, para o primeiro quarto deste século, especialmente a partir de 2010, houve um "despertar" da "curiosidade" da comunidade cientifica para esse problema estruturante da universidade, que é a relação assediadora por parte dos professores para com os alunos, e seus impactos na saúde física e psíquica, como também na aprendizagem para com esses. Estas informações são nada mais que um retrato de um momento, porém um momento que se repete a muito tempo. Só com mais estudos sobre essa temática, do desequilíbrio do poder docente na relação institucional com os alunos no ambiente universitário, é que será possível compor o mosaico que demonstre com mais nitidez esse campo de problema.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno. **São Paulo: Summus**, 1996.

DIAS, C. EDUARDO S. B.; TOTI, M. C. DA S. **Os serviços de apoio pedagógico aos discentes no ensino superior brasileiro**. São Carlos: Pedro e João, 2020.

DINIZ, I. DA S. **Desafios do ambiente universitário: a violência psicológica nas relações de ensino**. Mariana: [s.n.]. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/5193/6/MONOGRAFIA_ConsolidaçãoIndustrialBrasileira.pdf>.

FREITAS, A. C. S.; PINO, J. C. DEL. Assédio moral pedagógico como expressão do autoritarismo em sala de aula: percepções de estudantes de engenharia. **Educação**, v. 48, 2023.

FURLANI, Lucia Maria T. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

NUNES, T. S.; TORGA, E. M. M. F. Assédio moral na pós-graduação: As consequências vivenciadas por docentes e discentes de uma Universidade Estadual brasileira. **Education Policy Analysis Archives**, v. 28, p. 11, 2020.

PAIVA, V. L. M. DE O. E; SADE, L. A. Avaliação, cognição e poder. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 6, n. 2, p. 33–57, 2006.

SILVIA, A. O. G. DA; OLIVEIRA, K. L. DE. Reflexões sobre o surgimento do Ensino Superior no Brasil, a cultura do bacharelismo e o silenciamento do assédio moral em meio acadêmico. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 4, p. e023018, 2023.